



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO E A REESCRITA DA HISTÓRIA
DE CANUDOS**

Leonardo Guimarães Leite*

Quase oitenta anos após a publicação de *Os Sertões*, o literato peruano Mario Vargas Llosa lançou em Barcelona, um romance que pretendia ser uma reelaboração da Guerra de Canudos. Deste modo, *La guerra del fin del mundo* – que começou a ser pensado em meados da década 1970 – configurou-se como o primeiro romance do escritor peruano em que o contexto e as personagens situavam-se para além da realidade do Peru, interrompendo o fio condutor de escrita de obras baseadas em fatos familiares, na realidade do país natal ou nas próprias experiências do autor. Vargas Llosa enfrentou nessa empreitada muitos desafios literários, historiográficos e políticos, pois escrever sobre um tema tão caro à história brasileira foi uma tarefa árdua e bastante complexa.

Na construção de *La guerra del fin del mundo*, considerada pelo próprio autor na época de publicação, como sua melhor obra, uma das maiores dificuldades foi recontar uma história que já havia sido contada várias vezes e de diversas maneiras. Mas essa nova tarefa, tinha um significado especial para o romancista peruano: escrever um romance que já planejava desde o início da sua empreitada como escritor: “*um romance de*

* Mestre em História pelo Programa de Pós- Graduação Mestrado em História Regional e Local (UNEB), defendendo em 2013 a dissertação intitulada: *De Euclides a Vargas Llosa: um estudo sobre as representações de Antônio Conselheiro na literatura.*

aventuras, em que a aventura fosse o principal- não a aventura puramente imaginária, mas com raízes muito fortes numa problemática histórica e social”¹.

Pretendemos nesse texto, discutir alguns aspectos relacionados ao processo de elaboração da novela de Vargas Llosa que tematiza a Guerra de Canudos (1896-1897), um dos principais episódios da história republicana brasileira, e utiliza como principal intertexto a clássica obra de Euclides da Cunha (1866-1909) *Os Sertões* (1902). Analisaremos também, algumas das motivações ideológicas, políticas e artísticas do escritor peruano, buscando estabelecer um diálogo acerca do procedimento metodológico utilizado em seu romance histórico, pontuando na medida do possível, alguns desafios enfrentados pelo literato peruano nesse intento.

VARGAS LLOSA E CONSTRUÇÃO DE LA GUERRA DEL FIN DE MUNDO

Escrever sobre um tema tão caro à história brasileira foi uma tarefa árdua e bastante complexa, por uma série de fatores que tentaremos esboçar ao longo desse artigo. Primeiramente devemos ressaltar que a escrita do romance resultou em quatro anos de trabalho, iniciado em 1977, entre Londres, Cambridge e Washington, financiado por instituições norte-americanas *Tinker* e *Wilson Center* (fundações de fomento à pesquisa em várias áreas do conhecimento). Contudo, essa empreitada iniciou-se com o convite da Paramount de Paris para ser roteirista de um filme que tivesse ligação com a Guerra de Canudos, ocorrida no sertão da Bahia, no século XIX, e que seria dirigido pelo cineasta moçambicano Ruy Guerra (1931-).

O filme acabou não se concretizando, apesar de ter uma pré-produção bem encaminhada, inclusive com a decisão sobre o local das filmagens, que teriam como cenário a República Dominicana. Leopoldo Bernucci chamou atenção para o interessante caminho trilhado por *La guerra del fin del mundo*: nasceu de um roteiro cinematográfico e se transformou, depois, em um romance, quando o comum é, geralmente, acontecer o inverso².

¹ Ver SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p.37.

² BERNUCCI, Leopoldo M. *Historia de un Malentendido: un estudio transtextual de La Guerra del Fin del Mundo* de Mario Vargas Llosa. New York; Bern; Frankfurt am Maim; Paris: Peter Lang, 1989, p. 4.

Partindo desse material e complementando com uma vasta literatura sobre Canudos, Vargas Llosa estudou a fundo o tema, e completamente “enfeitado” pela Guerra de Canudos e pela leitura de *Os Sertões*, o romancista peruano continuou pesquisando e estudando sobre o tema para escrever um romance baseado no conflito que, ao longo dos anos, sofreu várias interpretações, de diferenciados grupos e indivíduos. A partir dos primeiros contatos com o monumento da literatura brasileira, Vargas Llosa passou a considerar Euclides da Cunha como um dos maiores narradores do nosso continente. Até 1972, segundo contou o próprio escritor peruano, nunca havia pensado em escrever romance ou história que não se ambientasse no seu país natal³.

Segundo Vargas Llosa, a leitura da obra euclidiana provocou uma grande emoção, somente comparada aos contatos com *Os Três Mosqueteiros*, na infância, ou *Guerra e Paz* e *Madame Bovary*, já na fase adulta. Conforme o literato peruano, em *Os Sertões* estava explícita uma síntese da história da América Latina:

É como um manual de latino-americanismo, quer dizer neste livro se descobre primeiro o que não é América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas, e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E de tudo isso resultou algo que muitos poucos livros antes de *Os Sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário⁴.

Canudos é visto por Vargas Llosa como um laboratório da história da América Latina, um microcosmo que mostrou as mazelas que atingiam, em maior ou menor grau, não apenas o Brasil do final do século XIX, mas toda a América Latina. Para o romancista peruano: “Poucos livros, em nossa história, mostraram como *Os Sertões*, essa estranha, sutil metamorfose sofrida pelo europeu ao se combinar com o autóctone – homem, cultura e paisagem – para produzir uma especificidade latino-americana”⁵.

Segundo o escritor andino, um dos pontos nevrálgicos da existência latino-americana está relacionado às questões referentes ao fanatismo e à intolerância. Para Vargas Llosa, ao longo da sua história, o continente americano nunca soube lidar bem com as divergências existentes entre as diferentes culturas ou ideologias que convivem

³ LLOSA, Mario Vargas. A guerra de Canudos: história e ficção. In: _____. *Sabres e Utopias: visões da América Latina*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 128.

⁴ SETTI, Ricardo A. op. cit., p. 39.

⁵ LLOSA, Mario Vargas. *La guerra del fin del mundo*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981, p. 132.

em um mesmo território. Essas divergências, em muitos momentos, geraram distorções na visão da realidade.

A tragédia da América Latina é que nossos países, em diferentes momentos de nossa história, se viram divididos e lançados em guerras civis, repressões maciças ou mesmo matanças, como a de Canudos, por cegueiras recíprocas parecidas. Mas evidentemente o fenômeno é geral. Basicamente é o fenômeno do fanatismo e da intolerância que pesa sobre nossa história. Em alguns casos, eram rebeldes messiânicos; em outros, eram rebeldes utópicos ou socialistas; em outros ainda, lutas entre conservadores e liberais. E se não era a mão da Inglaterra, era a do imperialismo ianque, ou a dos maçons, ou a do diabo. Nossa história está manchada dessa incapacidade de aceitar divergências⁶.

A visão deturpada da realidade teria afetado tanto os sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro como os republicanos, incluindo o autor de *Os Sertões*. De acordo com Mario Vargas Llosa, o preconceito ideológico de Euclides não foi uma exclusividade sua, ou apenas dos intelectuais do litoral, mas uma anomalia generalizada (um mal-entendido) que afetou todas as partes envolvidas no conflito. Canudos foi um fato que causou muita repercussão na época e gerou uma série de explicações, devido, justamente, as concepções ideológicas das forças envolvidas no combate.

Se no ensaio *A nossa Vendaia*, Euclides da Cunha, influenciado pelo pensamento dominante da época, interpretou Canudos como um movimento que se insurgiu contra o governo republicano, através de um plano maquinado pelos restauradores monarquistas, nas páginas de *Os Sertões*, o engenheiro escritor mudou o enfoque original “ao comprovar que os fatos objetivos faziam esboroar as suas convicções políticas”. Não obstante, o literato andino considerou que Euclides não conseguiu explicar Canudos e toda a sua complexidade. O grande mérito do “livro vingador” foi indicar algo que o autor “não podia imaginar: mostrar o que é e o que não é América Latina”⁷.

Outra influência importante exercida pelo clássico euclidiano, sobre Vargas Llosa, foi a possibilidade de escrita de um “romance total” – sua grande obsessão enquanto literato.

Os Sertões é antes de mais nada, um exame de consciência e uma implacável autópsia histórica, um esforço gigantesco para, rasgando os vários véus que a desfiguravam, entender as raízes da tragédia representada por aquela guerra civil. [...]. Apelando a todos os

⁶ SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*, p. 45.

⁷ LLOSA, Mario Vargas. *A guerra de Canudos: história e ficção*, p. 132.

conhecimentos ao seu alcance, à sua própria memória, a testemunhos escritos e orais e, obviamente, à sua própria imaginação, Euclides reescreve Canudos de uma maneira que aspira a onisciência, procurando não deixar de lado nenhum dos inumeráveis fatores que interferem no processo histórico e que sempre conferem a este extrema complexidade⁸.

Como podemos perceber, Vargas Llosa enxergou em *Os Sertões* a obra totalizadora que tanto admirava. Esse “livro-monstro” da história americana, apesar de não se enquadrar no modelo de romance, utilizou todos os conhecimentos possíveis para explicar Canudos.

Os Sertões não é um romance, mas um ensaio sociológico, e nada teria ferido mais Euclides do que considerar uma ficção, como ainda fazem alguns leitores mais apressados do livro, essa obra na qual trabalhou tão arduamente para explicar cientificamente a Guerra de Canudos. Dentro do racionalismo positivista em que se formou, ele acreditava na efetividade desse esforço: fazer uma autópsia da realidade social com a ajuda de todas as disciplinas ao seu alcance – a geografia, a geologia, a história, a psicologia – até extrair dela um saber definitivo sobre os comportamentos coletivos e individuais⁹.

De acordo com Bernucci, na obra *Historia de un deicidio* – resultado de sua tese de doutorado sobre a obra de Gabriel García Marquez, *Cien años de soledad* – Vargas Llosa pôde refletir de maneira mais completa sobre o conceito de “romance total”. Todavia, é importante frisar que apesar dos intentos totalizadores, *La guerra del fin del mundo*, fundamentada no realismo, muito comum nos escritos de Vargas Llosa, não satisfaz os requisitos teóricos impostos pelo próprio autor¹⁰.

Além da presença marcante de *Os Sertões*, várias fontes e hipotextos foram fundamentais para a construção de *La guerra del fin del mundo*. No vasto conjunto do material consultado, destacam-se livros de historiografia, sociologia, literatura, religião, sociologia e memória¹¹.

Além da consulta a esse vasto conjunto de fontes, foi importante também a visita feita por Vargas Llosa em 1979, aos “sertões” por onde Antônio Conselheiro e seus seguidores havia caminhando quase cem anos antes. O escritor peruano chegou a relatar

⁸ Ibid., p. 132.

⁹ Ibid., p. 131.

¹⁰ BERNUCCI, Leopoldo M. *Historia de un Malentendido*, p. 181.

¹¹ Ibid., p. 12.

em entrevista concedida ao jornal *A Tarde*, que visitou cerca de vinte e cinco povoados onde Conselheiro esteve, realizando diversas entrevistas.

[...] Você não sabe o que foi para mim chegar ali perto onde foi o cenário da grande batalha da guerra, onde está a cruz que ficava na igreja de Canudos. [...] Você não sabe o que foi para mim chegar ali. Eu estava há dois anos trabalhando nisso, e era como se minha fantasia se estivesse materializando. Até ali, o trabalho de escrever tinha sido angustiante. Mas dali até terminar o livro, que foram mais dois anos, trabalhei com um enorme entusiasmo, dez, doze horas por dia¹².

Ainda no ano de 1979, o jornal baiano *A Tarde*, publicou uma matéria intitulada “Vargas Llosa poderá lançar na Bahia seu livro sobre Canudos”. Nessa entrevista, afirmou que não desejava escrever um “livro histórico”, e mais, que não tinha compromisso com a verdade, antes, a sua intenção era mesmo “inventar”, “mentir” – tese que repetiu em todas as entrevistas e intervenções sobre *La guerra del fin del mundo*.

Contudo, o procedimento metodológico do romancista andino se aproximou muito do adotado pelos historiadores. Apesar de até cogitar a publicação da obra na Bahia, como estampado na matéria de *A Tarde*, o livro foi lançado na cidade de Barcelona, em 1981, após anos de exaustiva investigação documental, leituras e até visitas aos lugares onde Antônio Conselheiro peregrinou. A obra foi considerada pelo próprio autor como o seu melhor romance e o mais trabalhoso até aquele momento: “É o romance em que eu mais trabalhei, a que mais me dediquei. É um romance que me tomou quatro anos para escrever. [...] Ao mesmo tempo, nunca uma história me apaixonou tanto como *La guerra del fin de mundo*”¹³.

Vivendo um momento de mudança ideológica e consequentemente literária – distanciamento do marxismo (Sartre e o compromisso da arte com o papel social), e aproximação da ideologia liberal através de teóricos como Albert Camus (1913-1960), Isaiah Berlin (1909-1997), Jean-François Revel (1924-2006) e Karl Popper (1902-1994)¹⁴ – Vargas Llosa escreveu *La guerra del fin del mundo* como uma obra de ficção que mesmo baseada em evidências históricas, nunca pretendeu ser um livro explicativo ou que traria novos dados acerca do evento.

¹² Ibid., p. 42-43.

¹³ SETTI, Ricardo A., op. cit., p. 36.

¹⁴ Ibid., p. 14.

Além da importância literária e memorialística de seu romance, uma das grandes contribuições do escritor peruano foi tirar Canudos do “regionalismo brasileiro”, projetando-o como um fato tipicamente latino-americano. A leitura do clássico euclidiano também possibilitou a Vargas Llosa conhecer um dos personagens mais interessantes e complexos da história brasileira: o célebre Antônio Conselheiro.

Uma das ideias centrais que permeia toda a narrativa de *La guerra del fin del mundo* é justamente a retomada da problemática norteadora do livro de Euclides da Cunha: a dicotomia civilização *versus* barbárie que, segundo Vargas Llosa, permanece na América Latina até os dias atuais. Contudo, é necessário assinalar que não afirmamos que as questões levantadas por Euclides são as mesmas reclamadas pelo literato peruano.

Ao evidenciar um problema que marcou o Brasil no final do século XIX – momento em que o país experimentou um processo modernizador –, Vargas Llosa objetiva, ainda, chamar a atenção, de alguma forma, para o fato de que o Peru (e algumas regiões da América Latina do final do século XX) também necessitava passar por uma etapa de modernização. Assim, o retorno do escritor ao Peru, em 1974, e a posterior candidatura à Presidência da República, em 1990, a partir de um discurso liberal que objetiva transformar o país em uma potência econômica, não se configura como uma surpresa. Ao lermos a obra de Vargas Llosa, não podemos ser ingênuos e acreditar que o autor utiliza a dicotomia civilização *versus* barbárie apenas como um empréstimo *ipsis litteris* do texto euclidiano.

Em *La guerra del fin del mundo*, o conflito que se desenrolou em Canudos é representado como um embate entre a civilização, caracterizado pela modernidade da República e dos seus defensores, e a barbárie dos costumes sertanejos. Contudo, Angela Gutiérrez explica que além da retomada desse tema inerente à história americana, Vargas Llosa buscou mostrar também a “alegoria da luta entre duas forças internas do homem: a natural anterior aos limites impostos pela civilização, a do homem primitivo, e a que lhe foi imposta pela necessidade de sobrevivência na grei, a do homem civilizado”¹⁵.

¹⁵ GUTIÉRREZ, Angela. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*, p. 181.

LA GUERRA DEL FIN DEL MUNDO: HISTÓRIA E LITERATURA

No romance *La guerra del fin del mundo* podemos perceber também a presença marcante da relação entre Literatura e História. Vargas Llosa destaca que em suas obras, a ficção cumpre o dever de se parecer com a verdade ou ilusão de verdade, mas nunca pretendendo ser um discurso portador da veracidade pura e total. “A literatura é, por excelência, o reino da ambiguidade. Suas verdades são sempre subjetivas, meias-verdades, relativas, verdades literárias que com frequência constituem inexatidões ou mentiras históricas”.

Ainda de acordo com o literato, a ficção é uma criação do espírito inconformista do homem que insatisfeito com a vida real, busca viver no mundo ficcional de um romance, filme, conto e etc., a existência que desejava viver. No entanto, o escritor peruano contesta as interpretações que enfatizam ser o romance sinônimo de irrealidade, pois, para ele, as relações entre verdade e mentira, numa obra ficcional, são mais complexas do que se imaginam¹⁶.

Devemos ressaltar que o romance de Vargas Llosa sobre Canudos retoma alguns elementos do “novo romance histórico latino-americano” como: uma releitura crítica dos eventos históricos; o confronto de versões diferentes e/ou contraditórias (apesar da existência de uma única verdade); a aproximação do passado de uma forma “niveladora e dialogante” a dessacralização da releitura do passado, através de uma grande preocupação com a linguagem; a ficcionalização de personagens históricas bem conhecidas; a presença da meta-ficção ou de comentários do narrador sobre o processo de criação; e, ainda, o uso da intertextualidade¹⁷.

Juntamente com a complexa presença da relação entre ficção e história – inerente a todo romance dessa espécie –, a dimensão da memória também ganha lugar de destaque em *La guerra del fin del mundo*, pois, como explicou Vargas Llosa, a memória é o ponto de partida para a fantasia¹⁸.

¹⁶ LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*, p.16-24.

¹⁷ REGO, Djair Teófilo. *Polifonia, Dialogismo e Procedimentos Transtextuais na leitura do romance La guerra del fin del mundo, de Mario Vargas Llosa: pródromos e epígonos*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008, p. 12 apud ESTEVES, Antônio Roberto. *O novo romance brasileiro*. In: ANTUNES, Letizia (Org.). *Estudos de literatura e linguística*. São Paulo: Arte e Ciência; Assis-SP: Pós-Graduação em Letras da FCL/UNESP, 1998, p. 133-134.

¹⁸ *Ibid.*, p. 23.

Um questionamento recorrente em entrevistas, palestras e pesquisas sobre a versão novelesca de Vargas Llosa para a Guerra de Canudos foi o porquê do interesse por um tema brasileiro do final do século XIX. Procuramos explicar, no tópico anterior, o caráter abrangente que a Guerra de Canudos e *Os Sertões* ganham na leitura e na escrita de Vargas Llosa. Além do retorno a um tema caro ao continente (civilização *versus* barbárie), expõe e condena as várias formas de fanatismo, ao mesmo tempo em que reclama uma modernização para o seu país e para toda a América Latina.

Devemos atentar que, em 1974, após dezesseis anos residindo na Europa (Paris, Londres e Barcelona), Vargas Llosa retornou ao Peru, podendo presenciar mais de perto os problemas do seu país natal, como o crescimento do grupo guerrilheiro *Sendero Luminoso*, que provocou um clima de horror e medo na sociedade peruana. Sem dúvida, a situação política, econômica e social do Peru, do final dos anos 1970 e início dos anos 1980, influenciaram o literato peruano na escrita de *La guerra del fin del mundo*. Não podemos negligenciar “que a rememoração também significa uma atenção precisa ao presente, [...] pois, não se trata apenas de não se esquecer do passado, mas de agir sobre o presente”¹⁹.

Na narrativa do romance, a história se concentra em três personagens (o barão de Canabrava, o jornalista míope e Galileu Gall) que representam visões distintas sobre o mesmo tema: Canudos. “Esos tres personajes excepcionales son los representantes más destacados para expresar los pensamientos de E. da Cunha y Mario Vargas Llosa”²⁰. O barão e o jornalista são os protagonistas da história e as personagens que tem as posições ideológicas e políticas mais lúcidas. Já o frenólogo anarquista, juntamente com Antônio Conselheiro, Moreira César e o rastreador Rufino, formam o núcleo fanático da história.

Portanto, as personagens analisadas são de fundamental importância para a compreensão do romance em vários aspectos, como o desenvolvimento das histórias, a visão do autor, etc. Assim como o Barão de Canabrava, com seu pragmatismo e sensatez ao analisar a Guerra de Canudos, apresenta-se no corpo do romance como uma espécie de *alter ego* de Vargas Llosa, a figura de Galileu Gall sugere um exemplo de como as

¹⁹ GAGNEBIN, Jeanne M. Memória, história, testemunho. In: NAXARA, Márcia Regina, BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 85-94.

²⁰ BERNUCCI, Leopoldo M. *Historia de un Malentendido*, p. 84.

ideias utópicas podem distorcer a realidade dos fatos, podendo se pensar em uma autocrítica ao período da vida do escritor em que ele foi militante comunista²¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de escrita de um romance complexo, sobre um assunto tão investigado como foi Canudos, devemos problematizar as intenções políticas e ideológicas do escritor peruano. Na sua versão sobre a história do arraial de Belo Monte, Mario Vargas Llosa ampliou o significado desse movimento, classificando-o como representativo de uma realidade maior que perpassa as fronteiras brasileiras, ou seja, a Guerra de Canudos seria um laboratório da história da América Latina. De forma semelhante, o Conselheiro transformou-se, na narrativa vargasllosiana, em uma personagem idealista, “fanática”, transgressora da ordem, sintetizando, dessa forma, indivíduos da história do continente que assim como o líder da comunidade de Belo Monte, tornaram-se heróis marginalizados na época em que viveram, mas que foram resgatados das mais diferenciadas formas pela escrita literária, histórica e memorialística.

Uma breve análise do processo de elaboração do romance *La guerra del fin del mundo*, nos permite perceber algumas particularidades que são necessárias destacar. Ao reescrever *Os Serões*, e com isso recordar a história de Canudos, Vargas Llosa, retoma como pontuamos acima, uma problemática muito cara a história da própria América Latina, que é a questão da civilização\ barbárie. Trazer esse tema retratado por Euclides no final do século XIX, para o contexto do final da década de 1970 e início dos anos 80, é a tentativa de mostrar que esta questão não estava superada e longe de ser resolvida na América Latina. Em outras palavras, assim como Euclides da Cunha, o escritor de *La guerra del fin del mundo*, também tem motivações políticas ao retratar o episódio da Guerra de Canudos.

É importante salientar que Vargas Llosa ao longo da sua trajetória pessoal, configurou-se como um escritor conhecido por seu forte engajamento nas questões políticas da América Latina, sendo a liberdade, a principal bandeira levantada nos seus escritos. Para Vargas Llosa, somente um ambiente democrático, poderia tirar a América Latina da barbárie e habilitá-la para a modernidade. Foi à ausência dessa liberdade, que

²¹ REGO, Tarcísio do. *Vargas Llosa reescreve Euclides: uma proposta de Brasil*, p. 72.

levou Vargas Llosa a criticar ferrenhamente às ditaduras, e o levou na década de 70 ao desencanto com as ideias de cunho socialistas.

Outro tema de destaque na obra *La guerra del fin del mundo* é a condenação ao fanatismo, ou melhor, aos fanatismos, visto por Vargas Llosa como uma espécie de cegueira total, que leva a distorção da realidade e causa os mais trágicos resultados. Essa é a percepção que o escritor peruano tem da Guerra de Canudos, um episódio em que um grupo de camponeses foi dizimado pelo exército brasileiro, devido, justamente a essa cegueira chamada fanatismo, que imperava em ambos os lados, e que gerou um desconhecimento mútuo, transformando-se numa guerra civil brasileira, mas, incluída também no rol das grandes tragédias e mal-entendidos da história latino-americana.

Por fim, percebemos que o romance de Vargas Llosa sobre a Guerra de Canudos, configura-se como um empreendimento literário bastante interessante na sua consagrada carreira de escritor. Além dos méritos estéticos e estilísticos da obra, (um romance de fôlego no estilo realista, que almejava desde o início da sua carreira) um romance total, nascida da sua insatisfação com o mundo real, e o seu desejo de criar através da escrita do romance, outro mundo, ou ainda “*formas de viver várias vidas que não pôde viver na realidade*”, percebe-se também a importância política, já que se trata também de mais um manifesto de Vargas Llosa, contra o fanatismo e a barbárie representada pelas ditaduras (seja ela de direita ou esquerda), nacionalismos, populismos, que ele entendia ser parte integrante da história da América Latina. O período da escrita de *La guerra del fin del mundo* marca ainda o início de uma nova concepção política do escritor peruano, que o levará a candidatura a presidência de seu país em 1990, onde ficará conhecido e rotulado como um liberal. Por esses e outros aspectos *La guerra del fin del mundo*, não é apenas a reescrita de um clássico, *Os Sertões*, (que só por isso lhe daria alguma notoriedade) mas, um clássico da literatura latino-americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARLET, Dawid D. *Sertão, República e nação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

BERNUCCI, Leopoldo M. *Historia de un Malentendido: Un Estudio Transtextual de La guerra del fin del mundo de Mario Vargas Llosa*. New York: Lang, 1989.

CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHIAPPINI, Ligia, AGUIAR, Wolf de (Orgs.). *Literatura e História na América Latina*. São Paulo: Edusp, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne M. Memória, história, testemunho. In: NAXARA, Márcia Regina, BRESCIANI, Maria Stella (Org.). *Memória e (re) sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REGO, Djair Teófilo. *Polifonia, Dialogismo e Procedimentos Transtextuais na leitura do romance La guerra del fin del mundo, de Mario Vargas Llosa: pródromos e epígonos*. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2008.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FONTES

Jornal *A Tarde*, Salvador: 6 de Setembro de 1979.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

LLOSA, Mario Vargas. **La guerra del fin del mundo**. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1981.

_____. **La guerra de Canudos: História y ficción**. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia- nº94 (jan-dez.), 1998- Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1998. p. 79-92.

_____. **Sabres e Utopias: visões da América Latina**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SETTI, Ricardo A. **Conversas com Vargas Llosa**. São Paulo: Brasiliense, 1986.